

## PESCADORES DO LITORAL SUL

*Vivendo uma existência obscura, uma vida em que o heroísmo é a norma usual de cada dia, infatigáveis e perfeitamente adestrados na luta constante contra o oceano, os pescadores do litoral sul aglomeram-se, de preferência, em tórno das enseadas e golfos profundos, onde ao abrigo dos ventos, as frágeis embarcações rumam facilmente para o mar alto*

Sucedem-se, assim, ao longo da extensa faixa costeira, os pequenos arraiais de pescadores com sua fisionomia típica de rêdes estendidas secando ao sol, canoas descansando sôbre os rolos, prontas para se fazerem ao mar e varais cobertos de peixes salgados, postos a secar. Como diz PIERRE DEFFONTAINES, "a unidade de agrupamento é aqui a rêde de pesca, que exige para seu manejo o concurso de 10 barcos, correspondente a 8 ou 10 famílias". Nos dias de grande pescaria, êsses arraiais enchem-se de atividade recaindo, depois de acabada tôda a faina, no sossêgo e na tranqüilidade, comuns aos pequenos lugarejos

Magênicos marujos, êstes caboclos audazes, afeitos à intempérie, expostos ao sol e à chuva, a tudo resistem acostumados como estão desde a tenra infância a esta vida de trabalho e atividade intensa

Contrastando com os jangadeiros do Nordeste, "cujos hábitos e costumes estão mais ligados ao mar do que ao continente", a maioria dêstes pescadores do sul não vive, exclusivamente, da pesca. Realizam um gênero de trabalho misto associando as pescarias à pequena agricultura

Dêsse modo, sendo essencialmente ictiófagos suplementam a alimentação com os produtos de suas pequenas plantações de mandioca, cana de açúcar, banana, etc., que se estendem pelas encostas dos morros vizinhos. Sem estímulo para aumentar as culturas, isola dos como vivem e desprovidos de meios de transporte, plantam sômente para satisfazer suas próprias necessidades

Tais pescadores que vivem tanto da pesca como da agricultura recebem no litoral paulista o nome local de caïaras

Tôda esta população praiana, quer seja no litoral fluminense ou paulista, ou ainda no extremo sul, vive em casinholas rústicas e tôscas, de pau a pique, cobertas de sapê, com chão de terra batida. Algumas delas, mais faceiras, ostentam jardinzinhos com flores e folhagens de côres vivas e alegres

O mar, que constitui para êstes homens o campo de atividades quase exclusivo, oferecendo, às vêzes, pesca em abundância e em outras, negando-lhes a subsistência, quando varrido pelos temporais impede a saída das canoas, determina uma certa inconstância no seu trabalho. Assim é que constantemente se deslocam de um ponto, a outro do litoral em busca de enseadas mais abrigadas e de pesqueiros melhores e mais ricos. No litoral paulista é freqüente encontrarem-se pescadores vindo de Parati e Angra-dos-Reis

Outros, ainda, nas épocas em que o pescado é menos abundante, empregam-se nas lavouras próximas à costa que lhes garantem um ganho certo, abandonando-as, porém, para se dedicarem sem esmorecimento à pesca, quando esta se torna mais lucrativa. Tal fato pode ser observado no litoral do Estado de São-Paulo com os pescadores que se empregam nos bananais voltando no inverno, sem demora, às praias para a pesca das tainhas

A pesca de alto mar, exigindo grandes e bem aparelhados barcos, praticamente, não é feita por êstes pescadores modestos, cujos exíguos recursos não podem custeá-la

Limitam-se, assim, à pesca de linha e à pesca de rêde, sendo esta a mais empregada e rendosa

Antes de romper o dia, partem os pescadores nas suas pequenas canoas, para a aventura diária que lhes dará o sustento, navegando para os pesqueiros mais ricos, onde passarão horas a fio, pacientes e silenciosos, com a vara em punho, à espera da desejada pesca. À tardinha, voltam trazendo o produto de seu dia de trabalho — corvinas, pescadas, anchovas, cambucus — que, por não terem valor econômico apreciável se destinam, quase que exclusivamente, ao seu próprio sustento e ao de suas famílias



Importante, também, no litoral sul é a pesca do cação, que se faz com anzóis e linhas especiais, tal a força do peixe.

Mais lucrativa e proveitosa é a pesca de rêde tão bem descrita por MARIA DA CONCEIÇÃO VICENTE DE CARVALHO em O Pescador no Litoral do Estado de São-Paulo.

A pesca de maior vulto é a da tainha, que se efetua no inverno, nos meses de junho, julho e agosto, quando grandes cardumes desse peixe vêm procurar "abrigo nas águas mais quentes e mais tranqüilas das barras dos rios e dos fundos das enseadas", fugindo ao frio intenso das águas em latitudes mais elevadas.

O trabalho é cuidadosa e eficientemente dividido na pesca de rêde. Um vigia postado na praia com a atenção fixa no mar observa a aproximação do cardume, que é denunciada pela agitação inusitada da superfície das águas. E então, que êle acena uma toalha branca para o pescador que se encontra na canoa da rêde, o qual com uma buzina dá aos companheiros o toque de reunir. Sem demora, a praia enche-se de gente — homens, mulheres e crianças — prontos e dispostos a tomar parte na pescaria que beneficiará a todos. Neste momento, o interesse geral concentra-se no lanço que se vai efetuar, deixando-se para depois tôdas as outras ocupações.

A canoa da rêde, levando uma tripulação de 5 ou 6 homens, rapidamente se faz ao mar. A rêde, de 120 a 200 braças, de um só proprietário, às vezes, e, em outras, formada de diversos panos de donos diferentes, é logo lançada. Pouco a pouco completa-se o círculo, os cabos se aproximam e "a rêde é trazida, braça a braça, vagarosamente, obedecendo a um certo ritmo".

Seguindo uma prática já de todos conhecida, sem que sejam dadas ordens, sem atropêlo e balbúrdia, o pessoal vai se distribuindo nos seus lugares; os homens no fundo, as mulheres no raso, e morosamente é puxada a rêde até a praia. Aí, contando com o auxílio das crianças, que são também colaboradoras eficientes, os peixes todos são amontoados, procedendo-se, então, à contagem e distribuição: 1/3 é dado ao dono da rêde e os outros 2/3 são divididos entre os que ajudaram a pescaria, inclusive, as crianças. Em Cabo-Frio, cabe maior porção de peixe ao vigia do dia.

Se, após, o arrastão que levou horas, o vigia dá sinal avisando a aproximação de outro cardume, com a mesma disposição e ânimo, lançam-se todos de novo ao trabalho.

Em alguns lugares, paga-se aos camaradas um salário fixo. Geralmente, há uma só rêde em cada praia; quando existem, duas ou três, pescam em dias alternados os mesmos homens, que são pagos em cada dia pelo proprietário da rêde.

Como é natural, na pesca de tainha, de mistura com elas, vêm peixes os mais diversos — arraias, cações, peixe miúdo — que são, geralmente, consumidos pela própria população.

Nas noites escuras, saem os pescadores com o picaré — rêde pequena — ao ombro, afim de pescar os peixes miúdos que se aproximam da arrebentação.

Eles não têm dificuldade em vender o pescado, pois, na praia mesmo, vão procurá-los os compradores. Os peixes que não são vendidos, depois de salgados, são postos a secar para garantir sua boa conservação.

Apesar de ser proibida a pesca por meio de cercos fixos, que, possibilita a formação de bancos de areia que prejudicam a navegação, em alguns lugares, ela é tolerada, pois, tais cercos constituem "uma reserva de peixes para os pescadores".

Contando com o auxílio inestimável da família, utilizando os recursos mais variados pode o pescador, dêste modo, obter o pescado que não só lhe serve de sustento, como também lhe vai dar o dinheiro necessário para custear suas outras despesas.

No entanto, ainda, não conta o Brasil com uma indústria de pesca eficientemente organizada. Necessário se torna que a faixa litorânea do sul ainda, imperfeitamente explorada nas suas possibilidades econômicas, possa ser realmente aproveitada, vindo, assim, a constituir uma fonte de riqueza para a economia nacional.

ELZA COELHO DE SOUZA